

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA



Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Problemas de Educação

VÃO longe os tempos em que havia educação e respeito, diz-se e, embora nos custe, temos de nos vergar ante esta triste realidade. Na verdade, a educação anda tão medianamente compreendida que confrangem as almas bem formadas, os espectáculos que a todo o momento se nos depa-ram pelas ruas, largos e jardins das nossas cidades.

O mal não é restricto a uma terra ou outra, mas algumas há, em que esse mal assume, aspectos gravíssimos.

As crianças são as vítimas destes tempos de desorientação. Pobrezitas, a quem não falta muitas vezes o pão ou o conforto necessário, mas a quem falta um ambiente salutar para nele desabrocharem almas inocentes e simples.

Os seus olhitos abrem-se desmedidamente ante as realidades brutais que se não procura, muitas vezes, esconder-lhes; os seus ouvidos, atentos, escutam, a toda a hora, as maiores asneiras e as palavras mais grosseiras. Triste sinal dos nossos tempos: pouca ou nenhuma consideração merecem as crianças.

Que importa que a inocência se perca? Que importa

que elas sejam, desde pequeninas maliciosas? Que importa afinal que as suas tendências para o mal se desenvolvam? Que importa tudo isso, àqueles pais que mal vêem os filhos, que mal conhecem as suas qualidades ou os seus defeitos? Nada disto os interessa, pode dizer-se, por isso, eles são os primeiros a falarem malcriadamente para os pequenitos.

As crianças tudo observam. Que exemplo e educação podem ter os filhos de casais desavindos que se insultam grosseiramente, sem atenderem que são atentamente escutados? As cenas pouco edificantes sucedem-se quando vizinhos se insultam, ou homens embriagados dizem, inconscientemente, os palavrões menos decentes e mais baixos. Poderá haver crianças educadas, correctas, atenciosas com exemplos constantes de cenas verdadeiramente vergonhosas em que palavras e gestos exprimem os mais perversos sentimentos e as atitudes mais grosseiras?

Porque não hão-de as crianças merecer mais respeito, mais carinho, mais consideração? Porque não havemos de

(Continua na página 2)

Páginas de história

dos melhores historiadores

D. Francisco de Almeida

(De OLIVEIRA MARTINS)

(Continuação do número 23)

AÍ o Samorim estava sentado sobre o velo preto, insígnia da realza, no seu trono de prata com braços de ouro e as espaldas cravejadas de rubis, diamantes e esmeraldas, no meio da sua corte, recostado em macias almofadas de seda, sobre fofos tapetes da Pérsia, sonolento e imóvel. Negro, nu, um véu de linho branco descia-lhe em pregas desde o umbigo até os joelhos, com a ponta caída e nela efíados anéis de ouro e rubis. Da extremidade pendia uma pérola enorme. Os dedos, os braços, estavam cobertos de anéis e manilhas. Das orelhas caíam arrecadas de ouro cravejadas; à cintura trazia um cinto de ouro. Ao pescoço colares roliços, de ouro também; e duas voltas de um fio de pérolas, grandes como avelãs, que desciam até o umbigo, suspendiam um enorme coração de ouro encastoando a mais bela, a maior esmeralda.

Nos cabelos compridos e apanhados em nó no alto da cabeça havia pérolas e pingentes e a coroa era um deslumbramento. O tesouro inteiro de Kalikodu saíra à luz. Ao lado do rajá, em pé, viam-se os pagens nus com panos de púrpura, apresentando as espadas e adagas de copos de ouro cravejados, e junto ao soberano o da copa de ouro com a toalha a tiracolo, e o do boceta cravejada de brilhantes, com o sal delido

VESPERAL

Se eu te pintasse, posta na tardinha,
pintava-te num fundo côr de olaia,
— na mão suspensa, nessa mão que é minha,
o lenço fino acompanhando a saia!

Vejo-te assim, ó asa de andorinha,
em ar de infanta que perdeu a aia,
envolta numa luz que te acarinha,
— na luz que desfalece e que desmaia!

Com teu encanto os dias me adamasques,
linda menina ingénua de Velásquez,
a flutuar num mar de seda e renda!

Deixa cair dos lábios de medronho
a perfumada voz do nosso sonho,
mas tão baixinho que só eu a entendo.

ANTÓNIO SARDINHA

Número comemorativo do 2.º Aniversário da fundação do nosso «Boletim»

No desejo de darmos a maior beleza possível ao número de Agosto, desde já se solicita a mais estreita colaboração e o mais sincero carinho de todos quantos assinam, colaboram e anunciam no «Boletim Social da TEBE».

O «Boletim Social da TEBE» é de todos aqueles que, de alma levantada, trazem até ele os seus problemas. Trabalhador da TEBE! Estima o teu jornal. Ele é o teu amigo certo que procura levar a tua casa um pouco de cultura e distracção.



Com a devida vênia transcrevemos da Revista «MENINA E MOÇA» o artigo que segue:

«Quando no coração de uma criança a esperança se apaga, só a compreensão de um adulto pode acendê-la de novo.

Em 1946 foi comemorado o 200.º aniversário do filantropo suíço Pestalozzi — e a mais bela homenagem que se lhe poderia prestar, foi a fundação de uma aldeia com o seu nome, no coração das montanhas suíças, onde, sem distinção de credos, raças ou ideologias, muitas dezenas de crianças, vítimas inocentes dos erros dos homens, puderam encontrar um lar.

E os problemas destas crianças, cujas memórias conservam vivos os choques emocionais que sofreram durante a última grande guerra, mereceram as honras de uma criteriosa adaptação cinematográfica, realizada pelo conhecido Leopold Lindtberg.

«The Village» — *Aldeia Branca*, no título português, pode considerar-se uma sublime mensagem de beleza, paz, harmonia e confiança nos homens, e, por ser «uma bela obra dedicada a promover mútua compreensão entre os povos do mundo livre», foi galardoada com o «Troféu de Prata», atribuído por David O. Selznick.

Os principais intérpretes deste filme são as próprias crianças de Pestalozzi, a *aldeia branca* que parece ficar mais perto do céu, tal é a envergadura da lição de beleza moral que encerra.

Obras como esta, cheias de grandeza e de dignidade, são sempre bem recebidas.

É em traços bem cuidados que a vida desta comunidade, sobre a qual flutua, como um símbolo, o tradicionalismo pacifista da Suíça, e a figura de Pestalozzi nos é apresentada, bem como o significado da sua existência.

em água de rosas, onde molhava as folhas de bêtele, antes de as dar ao brâmane-mor, que detrás das espaldas do trono as passava religiosamente ao rajá, para mascar. Outros pagens tinham as toalhas perfumadas de almíscar, com que nas ocasiões devidas esfregavam os braços e as pernas nuas do soberano reluzentes de manilhas cravejadas de rubis. Em torno havia castelos de alfaia: vasos e urnas de bronze, de prata, de ouro, e os lampadários de metal amarelo sempre acesos, segundo os ritos ordenavam. Os escrivães, de pé, tinham debaixo do braço as longas folhas de palmeira, secas, onde se registavam as leis e tratados, em sulcos abertos pelos estiletos de ferro, que balouçavam entre os dedos. Em frente de Pedro Alvares Cabral, que, sentado, lia a carta de D. Manuel em arábigo, estava a credência com os presentes que trazia: uma taça e duas maçãs de prata, quatro almofadas de brocado e dois panos de Arraz, de um desenho primoroso. A corte, de pé, escutava em torno. Mais longe agrupavam-se as mulheres do rajá, untadas de sândalo e nuas da cintura para cima, com as cabeças coroadas de flores, e colares de contas de ouro, e pedraria, manilhas grossas nas pernas, braceletes, e anéis fulgurantes.

De parte a parte, contudo, passada a recepção solene, não se entendiam bem; e os escrivães em balde mostravam as longas folhas de palmeira escritas, agitando os estiletos de ferro, a indicar as passagens das leis que julgavam opor-se ao que pensavam serem os pedidos dos portugueses. Estes, em trejeitos, esforçavam-se por lhes fazer perceber que queriam pôr ali feitorias, para trazerem por mar, para a Europa, as preciosidades da Índia; e não cessavam de afirmar quanto El-Rei de Portugal era poderoso e forte.

Apesar de não ter tantos ouros nem pedrarias tinha o bronze das suas peças e o ferro das suas granadas! — acrescentavam com decidida importância.

Os escrivães iam compreendendo, desconfiados; e os portugueses desconfiavam também dos sorrisos do rajá. Apesar disto, porém, foi concedido o que pediam; e Cabral fundou a primeira feitoria portuguesa na Índia, em Kalikodu.

Logo os mouros vieram reclamar contra os intrusos que os despojavam; e favorecidos pelo indígena, caíram sobre a feitoria, trucidando os portugueses que lá havia: cinquenta ao todo.

Começava a história da Índia.

(Continuaremos no próximo número)

D. António Barroso

Do número único «In Memoriam», do Porto, de 1931

«NÃO quiseram os bons e briosos organizadores deste número único de homenagem à memória de D. António Barroso dispensar a colaboração do seu Bispo, sucessor embora indigno do eminente e ilustre Prelado, cujas virtudes todos nós enalteçamos e cujos louvores bem merecidos humedecemos ainda com as lágrimas da nossa saudade.

E não se cuide que fizeram a menor violência à nossa vontade, antes vieram ao encontro dela, por nos ser dado ensejo de vincarmos uma vez mais, e tão fundo quanto possível, alguns dos traços de grandeza moral, em que foi fecunda a sua vida e que convém lembrar, para maior dignificação do conceito sacerdotal, que em D. António Barroso se manteve sempre num nível de superior elevação.

A bondade ingénita do seu coração posta à prova no contacto íntimo de todas as misérias sociais, nas circunstâncias mais variadas e difíceis da sua vida, deu-lhe essa serenidade inalterável que tanto o distinguiu e que é sempreapanágio das almas invulgares.

Evocar aquela sua grande calma de espírito e coração que media e compassava o seu gesto, palavras e atitudes e fazia o encanto sempre igual da sua personalidade à parte, é fazer passar diante do nosso espírito um dos perfis mais su-

gestivos de sacerdote e de Bispo.

Ainda mesmo quando estava em jogo um grave interesse da Igreja, eram marcados por uma serenidade imperturbável os seus actos de maior nobreza moral e da mais desassombrada energia.

Aprumava-o apenas um pouco mais a mística do seu apostolado, arqueava-se-lhe um pouco mais o peito, à maneira dos grandes heróis doutros tempos, e tínhamos em frente o mártir afoito para as maiores provas.

Era generosa em extremo a sua bondade, o que muito contribuiu para os triunfos assinalados da sua obra missionária.

Da doação total de si mesmo à causa de Deus e da Pátria fez o timbre da sua vida, e com o mesmo ardor com que desbravava o matagal das almas ia abrindo o caminho às glórias de Portugal.

Parece que era apenas este o seu ideal de vida, e nele se comprazia sem desvanecimento, sempre dentro da lógica cristã e sacerdotal de bem servir.

O resto, tudo o mais que se passava fora deste quadro constante das suas actividades pouco contava e bem pequena influência exercia na sua vida.

Nem as compensações legítimas que seria lícito esperar dos seus aturados labores pela Igreja e pela Pátria logravam distraí-lo do fim mais alto em que tinha sempre postos os olhos vivos de servidor de causas nobres e santas.

Não lhe feriram os pés de apóstolo nem lhe escaldaram as mãos de sacerdote e pontífice os interesses mesquinhos por que tanto costumam afadigar-se os homens. O seu espírito de renúncia e de desinteresse absoluto pelos bens do mundo foi uma das facetas mais cativantes de toda a sua vida.

Era afinal a resultante natural dum convergência de virtudes cristãs cultivadas na mais clara atmosfera dum idealismo todo bebido nas fontes sadias do Evangelho.

Ficavam-lhe sempre de lado na carreira recta da vida as vãs cubiças em que tanto se detêm os que vivem com os olhos mais chegados ao pó vil da terra.

Por isso pôde dizer, quase à hora da morte, aquelas palavras lindas, cristãs e sacerdotais, que são quase toda a biografia dum santo: «Nasci pobre e pobre quero morrer».

† A. A., BISPO DO PORTO

Problemas de educação

(Continuação da página 1)

desejar uma sociedade com sentimentos nobres e atitudes delicadas? São as crianças de hoje os homens de amanhã e são os homens de hoje os responsáveis pelo destino e felicidade dessa sociedade que será formada por estas crianças a que tão pouca importância se liga.

Se não vos sabeis respeitar a vós mesmos, homens do presente, se os vossos companheiros e amigos vos não merecem mais que palavras baixas e vergonhosas, que vos mereçam algum cuidado os vossos filhos. Respeitai a sua idade e não lhe encheis a alma de sentimentos inferiores, não lhes deis hábitos de vadios.

Dai-lhes educação, dai-lhes carinhos, dai-lhes ambientes de família calmos e compreensivos, que para tudo isso não podeis dizer que a vida está difícil e que se não ganha o preciso. Tendes de sobra para dar aos vossos filhos.

Visita dos armazenistas da praça de Lisboa às Instalações fabris de João Duarte & C.^o, L.^{da} e Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}

A REALIZAR EM 5 DE SETEMBRO DE 1955

PROGRAMA

De tarde

À noite

Às 15 horas — Entrada dos visitantes na Fábrica TEBE e visita às suas instalações.

Às 16 horas — Desafio de oquei em patins entre o Clube Desportivo da TEBE e o Oquei Clube de Barcelos, em disputa de uma valiosa taça de prata.

Às 17 horas — Concurso do «Vestido de Chita» — primeira eliminatória e escolha das 10 concorrentes mais classificadas.

Nos intervalos: danças regionais e descantes populares.

Às 20 horas — Jantar oferecido aos visitantes pela Gerência da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a.

Às 22 horas — No salão de espectáculos da Fábrica TEBE:

1.º — Apresentação do Grupo Coral da TEBE.

2.º — Distribuição de prémios às 10 concorrentes mais classificadas no Concurso do «Vestido de Chita».

3.º — Representação pelo Conjunto Cénico do Grupo Recreativo da TEBE, de uma comédia.

No recinto em frente ao novo salão, será improvisada uma autêntica romaria minhota, com adegas regionais, cantatas, rusgas, etc.

Regulamento do I Concurso do «VESTIDO DE CHITA», organizado na Fábrica TEBE

Art. 1.º — O Grupo Recreativo da TEBE organiza o I Concurso do «Vestido de Chita», com o fim de criar nas operárias da Fábrica o interesse pelo tecido tão português que é a chita e ao mesmo tempo desenvolver o gosto artístico na escolha dos seus modelos, de vestidos ligeiros e de uso diário.

a) — Este concurso é patrocinado pela Gerência da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a, que indicará o júri encarregado de classificar as concorrentes.

Art. 2.º — A este concurso só podem concorrer operárias da Fábrica TEBE.

a) — A inscrição para este concurso estará aberta a todas as interessadas de 5 a 7 de Agosto de 1955.

Art. 3.º — A apresentação das concorrentes para efeito de classificação será efectuada no decorrer de uma festa de confraternização que terá lugar no dia 5 de Setembro de 1955, pelas 17 horas.

Art. 4.º — Os vestidos a apresentar a concurso só podem ser confeccionados com chita, (de qualquer qualidade), podendo levar guarnições que não destoem das características de um vestido de chita.

a) — São permitidos adornos que, da mesma maneira, não fujam ao conjunto de um vestido de chita.

Art. 5.º — O júri efectuará uma eliminatória na qual serão escolhidas as 10 concorrentes que melhor se apresentarem. Em seguida será feita a classificação dessas 10 concorrentes,

sendo atribuídos os respectivos prémios pela ordem da sua classificação.

a) — A classificação será feita por pontos. Cada membro do júri procederá à classificação individual de cada concorrente, dando a soma total dos pontos atribuídos a respectiva classificação.

b) — A pontuação a atribuir a cada concorrente, por cada membro do júri, será de 1 a 10 pontos.

c) — Das decisões do júri não haverá recurso.

Art. 6.º — O júri será composto de um presidente e dois vogais.

a) — No caso de empate o presidente do júri terá voto de desempate.

Art. 7.º — OBRIGATÓRIO — O vestido a apresentar ao concurso, deverá ser de passeio, que possa, portanto, ser usado normalmente pela concorrente.

Art. 8.º — Serão atribuídos 10 prémios às concorrentes finalistas, cuja lista será anunciada no próximo número deste BOLETIM.

Art. 9.º — Qualquer omissão ao presente regulamento será resolvida pelo júri do presente concurso.

INSCRIÇÕES: — As inscrições para o I Concurso do «Vestido de Chita», devem ser feitas à vogal da Direcção do Grupo Recreativo da TEBE, Ex.^{ma} Snr.^a D. Rosalina Freitas, do dia 5 ao dia 7 de Agosto de 1955.

O prazo não será, de forma alguma, prorrogado.

A comissão organizadora da festa de recepção aos gerentes comerciais da praça de Lisboa enviou-nos o programa que acima publicamos e ao qual, com grande relevo e maior desenvolvimento, faremos as justas referências no número comemorativo do 2.º aniversário do «BOLETIM SOCIAL DA TEBE».

FILATELIA

No próximo mês de Setembro, e do dia 3 ao dia 11, estará patente ao público, na cidade do Porto, a quarta exposição filatélica nacional.

Terá assim um brilho muito especial a comemoração do centenário dos selos postais de D. Pedro V, mercê desta iniciativa da Federação Portuguesa de Filatelia.

Surgiram, a princípio, enormes dificuldades quanto ao recinto, que ficaram óptimamente solucionadas com o oferecimento dos novos salões da Escola de Belas Artes.

Realizações deste género, têm sempre uma importância que se torna desnecessário demonstrar, pelo que elas representam para o desenvolvimento da filatelia nacional.

Além de serem uma verdadeira fonte de estudo, tornam-se o melhor cartaz de propaganda da causa filatélica.

Bibliografia

Catálogo de Carimbos Postais Especiais de Portugal e Ultramar

Já há muito que se fazia notar a falta de uma publicação deste género. A demonstrá-lo, está o aparecimento de um catálogo espanhol, já que português nada havia.

As suas 52 páginas estão divididas em quatro partes. Na primeira estão agrupados os carimbos comemorativos e as marcas de dia de certos postos especiais de correio. Na segunda, estão incluídos os carimbos de primeiro dia, na terceira os que se referem ao correio aéreo e por fim, na última parte, os carimbos particulares de duas expo-

sições filatélicas e os de primeiro dia de emissão da série ultramarina comemorativa do Centenário do Selo Postal Português.

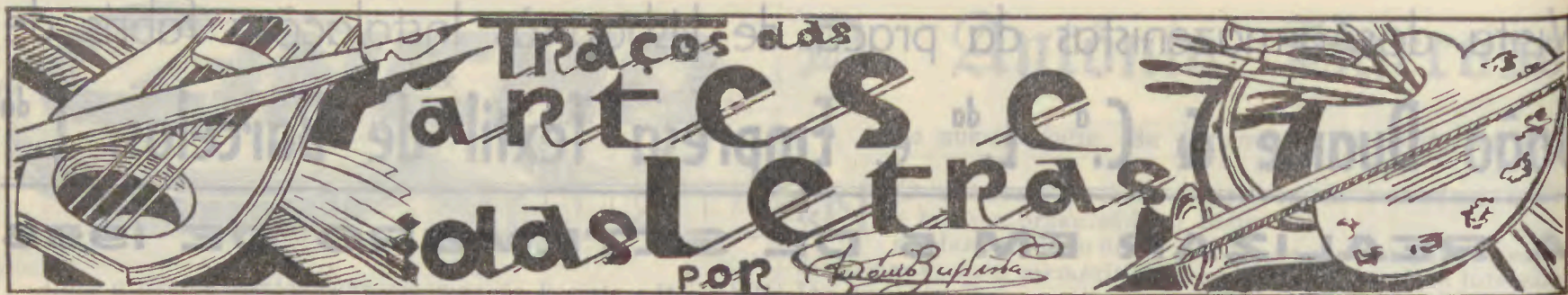
É esta obra prefaciada pelo Sr. Dr. António Frágoso, nome sobejamente conhecido de todos os marcofilistas.

Classificação dos Selos Tipo Ceres de Portugal e Açores

Fazendo parte da Biblioteca de Divulgação Filatélica, este livro da autoria do Sr. António Lopes Ribeiro, vem preencher uma lacuna que tanto se fazia sentir, principalmente naqueles que mais dificuldades encontravam na classificação dos referidos selos.

Escrito de forma original, vem acompanhado de numerosos mapas que tornam essa classificação fácil.

C. A.



A triste verdade sobre GRACILIANO RAMOS

Por Luís Fortuna de Carvalho

PUBLICOU recentemente este «Boletim» um artigo sobre Graciliano Ramos, o maior dos romancistas brasileiros, ainda que talvez o menos conhecido do público leitor português.

Louvável atitude essa — a de divulgar e interessar no conhecimento de quem tão alto levou a prosa portuguesa.

Não me proponho criticar esse artigo, quer diminuindo quer louvando, venho antes completá-lo e repôr a verdade, ainda que bem dura verdade, que faltou nas palavras finais.

Pela maneira compreensiva e honesta como R. M. interpretou a obra de mestre Graciliano tudo me leva a supor que o artigo foi escrito há mais de dois anos, doutra forma não se compreende que o articulista escreva: «Graciliano Ramos prepara outro romance... as suas notáveis qualidades literárias dão-nos direito a esperar uma das obras que ficarão entre as primeiras que este período da literatura brasileira legará».

Em vão ficaremos a esperar essa obra. Graciliano Ramos morreu! Esta a triste verdade. Morreu em princípios de 1953, minado por padecimentos agravados em anos de cárcere e internamento em colónias correcionais, em convívio diário e directo com a mais abjecta escória da sociedade.

Sim, esse homem simples que morreu com sessenta anos e mais parecia um velho de oitenta e tantos, levou uma vida amargurada de humilde sofredor, perseguido pelos governantes do povo que ele tanto amava — esse bom povo brasileiro.

Mas nada conseguiu abafar a voz mais profunda da moderna ficção em língua portuguesa.

Graciliano Ramos, que a morte levou, permanecerá bem vivo nos olhos e nos corações de quantos o lerem.

*

Para completar a sua bibliografia — no citado artigo eram referidos os romances: *Caetés*, *S. Bernardo*, *Vidas Secas* e *Angústia* — resta acrescentar: o livro de contos *Insónia*, o de recordações *Infância* e as obras publicadas após a morte: *Memórias do Cárcere* e *Viagem*.

Obras estas que são autênticos documentos humanos e nos mostram o notabilíssimo poder de observação de Graciliano. Escritos no seu estilo peculiar, prosa simples, escorreita e dura, estes livros nada têm de ficção; são sim as impressões colhidas nos longos meses vividos na prisão e no decorrer duma viagem à Europa Oriental. Os capítulos finais destas obras são apenas esboços e apontamentos a que o escritor não teve tempo de dar a forma definitiva.

*

Graciliano apareceu na vida literária tendo ultrapassado já os 40 anos. Essa aparição surgiu dum acontecimento assaz pitoresco.

Depois de ter sido um poeta menor, revisor de jornais e um comerciante falhado, ingressou no funcionalismo público. Nomeado prefeito duma cidadezinha de Alagoas, Palmeira dos Índios, escreveu, uns tempos após, um relatório oficial a contar das coisas que por lá se passavam e esse modesto relatório veio alvoroçar a pacatez comum dos serviços por onde ia passando. Publicado esse simples trabalho no «Diário Oficial» foi providencialmente lido por um editor sagaz — mais tarde o festejado poeta A. Frederico Schmidt — que reconheceu na prosa originalíssima as possibilidades notáveis do seu obscuro autor.

Convidado a escrever um romance para a sua editora Graciliano aceitou, tanto mais que possuía um inédito, há sete anos guardado no fundo duma gaveta — «Caetés».

E assim um ignorado burocrata do interior nordestino deu o primeiro passo na sua carreira de homem de letras.

Por ser muito curioso e duma estranha ironia a seguir se transcreve o famoso relatório, encerrando, assim, da melhor maneira, estas apagadas linhas onde se fala de Mestre Graciliano.

Relatório do Prefeito de Palmeira dos Índios (Alagoas)

«Encontrei obstáculos dentro da prefeitura e fóra dela — dentro, uma resistência mole, suave, de algodão

Antônio Correia de Oliveira

PORTUGAL curvou-se reverentemente ante António Correia de Oliveira, manifestando-lhe, nesse gesto, a admiração e reconhecimento por quem serviu a Pátria, cantando-a em versos lindos. Todo o Portugal reconhece em António Correia de Oliveira o seu poeta, o poeta da sua gente simples, das tradições velhinhas, dos costumes populares, dos sentimentos mais puros da nossa raça.

A. Correia de Oliveira sentiu que a poesia andava espalhada por toda a terra portuguesa, caída pelos caminhos rústicos das aldeias, escondida nos seus pinhais, derramada nas suas fontes; a poesia sentiu-a Correia de Oliveira nas manhãs frescas de Abril, estendendo-se pelos beirais das casinhas ocultas na verdura, abraçadas pelos troncos das ramadas e trepadeiras que carinhosamente sobem paredes e

muros tocando de flores delicadas e garridas, os casebres pobrezinhos. A poesia, em Portugal, sentiu-a Correia de Oliveira nos afectos da família, no riso alegre das crianças, no mermúrio dos regatos e ribeiros, nas orações do povo crente e bom, nas saudades e recordações dos velhinhos; a poesia encontrava-a António Correia de Oliveira dispersa nas romarias e nos trabalhos do camponês, e encontrava-a na voz amiga dos sinos e por entre o marulhar das ondas do nosso Mar. A poesia de António Correia de Oliveira sobe em êxtase às estrelas e desce rasteirinha às pedras das ruas humildes e silenciosas das vilas e aldeias, aos seus recantos onde se reza e onde se ama, onde se trabalha, canta e chora...

A poesia de Correia de Oliveira perde-se a contemplar, dos píncaros altaneiros das serras, os horizontes inundados de luz suave; entra de mansinho nos lares felizes e aconchega-se no seu ambiente de ternura; espreita pelas tardinhas calmas os pares enamorados que sonham horas altas de felicidade com o coração cheio de amor e de ilusões.

Em tudo Correia de Oliveira sentiu a verdadeira poesia: sentiu e amou-a profundamente; sentiu-a e cantou-a em quadras, em sonetos, em estrofes variadas. A sua alma leve e delicada vibra ante as paisagens, os sentimentos puros, os gestos nobres, as acções heróicas!...

De coração alegre canta altivo e orgulhoso as glórias da Pátria estremecida, e chora com ela nas horas tristes e tormentosas.

Este poeta velhinho que a Terra Portuguesa, feliz, vai homenagear, merece o carinho de todos quantos amam a Pátria e a língua portuguesa. A inspiração para os seus versos buscou-a no que há de mais genuinamente português. Abeirou-se paternalmente dos humildes e cantou as suas alegrias, as suas tristezas, as suas lutas no ganha-pão de cada dia, exaltando sempre virtudes e em tudo achando beleza. Os livros de Correia de Oliveira deviam andar na mão

em rama; fóra, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bífis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos de Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros, davam-me três meses para levar um tiro. Dos funcionários que encontrei em Janeiro do ano passado, restam poucos; saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os actuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam nas contas. No cemitério enterrei 189 mil reis — pagamento ao cozeiro e conservação. Relativamente a quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos, forçados pelos inspectores, que a Prefeitura do interior não ponha no arame, proclamando que a coisa foi feita por ela: comunicam-se as datas históricas ao governo do Estado, que não precisa disso. Todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha — um telegrama. Porque se deitou uma pedra na rua — um telegrama. Porque o deputado F. esticou a canela — um telegrama. Dispêndio inútil. Toda a gente sabe que isto por aqui vai bem, que o deputado morreu, que nós chorámos — e que em 1556 D. Pedro Sardinha foi comido pelos Caetés. Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram erros de inteligência, que é fraqueza. Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome. Não me fizeram falta. Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos. Paz e prosperidade. — O prefeito, a) Graciliano Ramos».

Efemérides... do mês

O Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense comemorou no dia 24 de Julho mais um aniversário

É sempre com grande simpatia e carinho que vemos desfilar nas ruas do nosso burgo os nossos bombeiros.

Digo nosso, porque ambas as corporações, senhoras das suas missões mais altas, caminham para o dever e na hora do perigo sabem irmanar-se humanamente para actuarem na sua nobre e grande função: salvar a vida e os haveres dos outros esquecendo-se por vezes das suas próprias vidas.

Portanto, o bombeiro, é um símbolo vivo que deve merecer de todos o maior respeito e o maior carinho.

*

O programa que segue foi cumprido na íntegra. A quando dos cumprimentos às autoridades locais, registamos, com agrado, as seguintes palavras, do seu ilustre Presidente da Direcção para o Snr. Presidente da Câmara, Dr. Novais Machado:

«Mais um ano que se passou e de novo os Bombeiros V. de Barcelinhos, estão junto de V. Ex.^a a apresentar os mais respeitosos cumprimentos e saudações, que também são extensivos à Ex.^{ma} Câmara Municipal».

E mais adiante o Sr. Dr. José Machado, continuou:

«Pode V. Ex.^a contar com a maior dedicação, com a maior lealdade e com o mais alto espírito de sacrifício, dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos».

*

À noite, na ceia, viam-se figuras representativas de Barcelos: gente boa e simples, todos numa comunhão de afectos transbordando de alegria.

Vários oradores usaram da

palavra, recordando e frisando o valor e a admiração que a causa do bombeiro deve merecer.

O Sr. Manuel Vieira, grande amigo dos Bombeiros, fez distribuir pelas Senhoras presentes a linda medalha comemorativa do «Monumento ao Bombeiro Voluntário».

O Director do «Boletim Social da Tebe» mais uma vez agradece o convite para todas as cerimónias.

Entretanto, «Boletim Social da Tebe» felicita sinceramente toda a digníssima Direcção e Corpo Voluntário de Barcelinhos, fazendo votos para que esta data continue a ser o elo de amizade da grande família dos Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos.

PROGRAMA

Às 8 horas — Salva de 21 morteiros.

Às 9,30 horas — Formatura Geral do Corpo Activo, Hastear e Continência à Bandeira.

Às 10 horas — Missa na Igreja paroquial em sufrário dos Bombeiros e Sócios falecidos.

Às 11 horas — Romagem ao Monumento do Bombeiro.

Às 11,30 horas — Cumprimentos às Autoridades.

Às 16 horas — Romagem aos Cemitérios de Barcelinhos e Barcelos.

Às 20 horas — Ceia de Confraternização e imposição de fitas às praças que completaram 5 anos de serviço activo.

A. B.

OBSERVAÇÃO

Quando se entendeu que o programa publicado na página 3 merecia ser rectificado já estava impresso pelo que, no próximo número, o publicaremos com as necessárias alterações.

N. R.

Artigo de Correia de Oliveira

Por absoluta falta do espaço não nos foi possível inserir variada poesia de António Correia de Oliveira.

de todos quantos sabem ler, pois é em contacto com as almas deste quilate que os sentimentos se apuram e os olhos aprendem a ver que na vida ainda há muita Beleza.



a) Foi anulada a visita do Presidente Geral de Marrocos a Marraquexe.

b) Em França nota-se, acentuadamente, o renascimento lírico.

c) Gulbenkian instituiu uma fundação com sede no nosso País para fins de assistência e educação.

d) O Lord Mayor de Londres visitará Lisboa em Setembro próximo.

e) A França atingiu no ano passado o record da produção do leite na Europa.

f) O gesto sensacional do Presidente dos Estados Unidos sobre a questão do desarmamento é classificada de bem amarga prova da sua sinceridade.

BARCELOS E BARCELINHOS

eternos sonhadores

Por Celso Cunha

(Continuação do número anterior)

A nossa terra de sonhadores e românticos poetas dedica, de quando em vez, a Barcelinhos, uma teia púrpura que nos enleia, quase sempre, arrastando-nos para ali, fazendo-nos sentir e sonhar.

Barcelinhos, pedacinho da cidade querida, observam-se, com agrado, alguns costumes populares que despertam interesse, nomeadamente as maravilhosas marchas regionais e os seus já afamados «gaitas de foles».

Barcelinhos é bairrista e festeiro! E todos os anos, no dia 30 de Novembro, lá o vemos, com alegria, a festejar o seu patrono St.^o André. E nesse dia o fogo de artifício, a fogueira tradicional, a música e os descantes, enchem de encanto e de alegria todas as ruas, todas as casas e todos os corações.

Barcelinhos é, sem favor, uma aguarela sublime na paisagem verdejante que o rio Cávado refresca...

(Continua no próximo número)

O Boletim Social da Tebe é feito nas horas livres da vida profissional

A Secção «Passatempo» é da autoria do nosso colaborador Jaime Ferreira que, de futuro, a dirigirá assiduamente. Os nossos agradecimentos.

Muito agradecemos aos nossos estimados anunciantes e colaboradores a fineza de nos enviarem o original para o número comemorativo de Agosto (2.^o aniversário) até ao dia 8 de Agosto, sem falta.

A Direcção do «Boletim Social da Tebe» agradece antecipadamente a melhor atenção para ao que acima deixa exposto.

O «Boletim Social da Tebe» é feito com trabalho por vezes incompreendido e deve merecer de todos os que o assinam o respeito e o carinho compensadores.

«Boletim Social da Tebe» é um jornal de trabalhadores para trabalhadores e recebe sempre com alegria os originais de todos os que o queiram honrar com a sua colaboração.

O próximo número é de 24 páginas.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



UM REPARO

Depois de apreciarmos devidamente a maneira como a actual gerência da Associação de Patinagem do Minho tem encarado os diversos problemas surgidos, uma conclusão tiramos: o Regulamento está a ser cumprido na íntegra.

Pela nossa parte registamos com muito gosto esta atitude, que, de resto, é a única que sempre deve ser tomada.

Porém, casos há que, pelas suas características especiais, deviam ser apreciados e ponderados de maneira diferente.

Todos nós sabemos que é uma utopia irrealizável pretender-se cumprir inflexivelmente um Regulamento estabelecido. Tem que haver contemporizações, sem as quais caímos num exagero, que, em vez de beneficiar a modalidade, a prejudica.

Gostamos, repetimos, que o Minho seja um exemplo a apontar no que respeita ao cumprimento das leis que regem o oquei patinado, mas o que não podemos admitir, é que sejam tão rigidamente cumpridos e resultem em prejuízo.

Estamos certos que os dirigentes concordarão com o nosso ponto de vista, e as coisas irão para o ponto em que devem estar, isto é, sem exageros nem grandes desvios.

Bigote

Oquei do mês

Até à 6.^a jornada do Campeonato Regional verificaram-se os seguintes resultados:

1.^a Jornada

Sport C. Vianense — CLUBE D. DA TEBE, 5-3
Vitória de Guimarães — Académico B. Clube, 8-4
Clube D. da Mabor — Sporting C. de Braga, 0-5
Oquei Clube de Barcelos — T. O. C. das Taipais, 3-8

2.^a Jornada

Sport Clube Vianense — Vitória de Guimarães, 5-0
Académico B. Clube — Clube Desp. da Mabor, 5-0
Sporting de Braga — Oquei C. de Barcelos, 10-2
T. O. Clube das Taipais — Famalicense A. C., 7-1

3.^a Jornada

Clube D. da Mabor — Sport Clube Vianense, 0-5
Vitória de Guimarães — CLUBE D. DA TEBE, 7-5
Oquei C. de Barcelos — Académico B. Clube, 0-5
Famalicense A. Clube — Sporting C. de Braga, 2-4

4.^a Jornada

Sport Clube Vianense — Oquei C. de Barcelos, 6-4
CLUBE D. DA TEBE — Desportivo da Mabor, 5-0
Académico B. Clube — Famalicense A. Clube, 5-0
Sporting de Braga — T. Oquei C. das Taipais, 3-1

5.^a Jornada

Famalicense A. Clube — Sport C. Vianense, 1-6
Oquei Clube de Barcelos — C. D. DA TEBE, 7-6
Clube D. da Mabor — Vitória de Guimarães, 0-5
T. O. Clube das Taipais — Académico B. Clube, 5-0

6.^a Jornada

Sport C. Vianense — T. O. Clube das Taipais, 4-5
CLUBE D. DA TEBE — Famalicense A. Clube, 2-4
Vitória de Guimarães — Oquei C. de Barcelos, 3-3
Académico B. Clube — Sporting C. de Braga, 4-4

FINALMENTE...

O oquei patinado é, pelas suas características especiais, um desporto essencialmente nocturno e tudo o que se fizer para que os desafios se não realizem de dia é contribuir em grande escala para o progresso da modalidade.

A facilidade de iluminação do recinto em que é praticado pela sua diminuta superfície e o facto do oquei em patins ser praticado no verão são razões sobejas para que seja jogado sempre de noite.

Vantagens para os atletas que com menos dispêndios de energia dão melhor rendimento, para os clubes que fazem melhores receitas, para o público que encontra finalmente lugar para passar a noite e para a modalidade pois contribui para a sua expansão.

Conseguiu-se finalmente e em boa hora em Barcelos a iluminação do Rinque do Parque. Os resultados são bem visíveis pois que todos os encontros realizados constituíram êxitos de bilheteira além de proporcionarem um espectáculo agradável.

Com dois clubes inscritos no Campeonato Regional de Séniores há em Barcelos doravante e enquanto a iluminação no Parque se mantiver a possibilidade de apresentar todas as semanas um encontro de oquei.

Regosijamo-nos pois com o acontecimento e oxalá que uma breve construção dos balneários venha completar a instalação condigna do rinque do Parque de Barcelos.

Pires Bigote

Classificação do Campeonato Regional

	J	V	E	D	F. C.	P
Vianense	6	5	0	1	31-13	16
Sporting	5	4	1	0	26-9	14
Académico	6	3	1	2	23-17	13
Taipais	5	4	0	1	26-11	13
Vitória	5	3	1	1	23-17	12
O. C. B.	6	1	1	4	19-38	9
TEBE	5	1	0	4	21-25	7
Famalic.	5	1	0	4	8-24	7

Nesta classificação estão incluídos todos os jogos realizados até à 6.^a jornada de cujos resultados damos notícia noutra local desta página.

Praia Fluvial

Desportos náuticos

De há tempos para cá, o Clube Desportivo de Barcelinhos tem desenvolvido uma acção digna da maior admiração, não só no que respeita ao aproveitamento e aformoseamento da praia Fluvial do Cávado, mas também dedicando-se aos desportos náuticos, acentuadamente à natação.

Como nos anos anteriores o Clube já deu início à construção da piscina para que todas as crianças e adultos, sem distinção de classes, possam aproveitar as vantagens do nosso magnífico rio, debaixo da vigilância e orientação de um técnico de natação daquele Clube.

Esta obra, que é, sem dúvida, uma grande iniciativa a constituir protecção à vida de muitos, que não têm necessidade de nadar com perigo, neste rio infelizmente traiçoeiro.

O recinto da praia fluvial delimitado pelo gradeamento, apresenta-nos um aspecto encantador. As barracas e guarda-sois, dão à praia um aspecto de beleza, além de que, pelo local em que estão situados oferecem mais um ponto de beleza e atracção para os turistas que visitem a nossa terra.

É de notar este ano o grande toldo ao longe do rio, que o Desportivo teve a feliz ideia de colocar para que os frequentadores da praia possam aproveitar melhor os seus benefícios.

Ainda este ano não podemos contar como já vem acontecendo há anos, com as sempre atraentes provas de remo.

O rio para este desporto encontra-se impraticável pelo pequeno espaço que vai de uma açude a outra, e por causa da curva que existe ao meio deste percurso.

Para uma prova de tirada regulamentar seria necessário fazer várias voltas, o que prejudicava pelo perigo que oferecia tanta viragem desnecessária.

A natação é, actualmente, para o Desportivo de Barcelinhos, a grande modalidade.

De facto, o Clube possui presentemente boas equipas de nadadores, em especial na categoria de júniores, que já elevaram o nome do seu clube por este país fora, mercê da boa actuação na época transacta, a que os jornais diários fizeram justas referências.

Na impossibilidade das provas de remo, esperamos ver provas de natação na piscina do Cávado para que em luta com os melhores nadadores do Norte e Sul, os nossos conterrâneos continuem a demonstrar a sua classe e o seu real valor.

A. F.

A J A N I E L A

Bontempelli

NO seu quarto, sentado na cadeira ao pé da cama e já em camisa de noite, aguardando o copo com água, o velho grita: — Mulher!

Mas está tudo na escuridão e tem medo, se ela se demorar terá de acender a luz. Finalmente chega a mulher. Põe o copo sobre a mesa de cabeceira: o velho meteu-se na cama. Não foi necessário acender a luz, uma despesa inútil, quase criminosa. O quarto mergulhava na escuridão. Só se vê a brancura dos lençóis, o brilho do soalho, no qual desliza ainda a última larva de luz, e a figura da mulher, quieta, como que encantada, no meio do quarto, como uma coisa negra e erecta. Então, ele, da cama provoca-a: «Vamos, de que estás à espera?» «Já vou» — respondeu ela e foi para a janela. Olhava com atenção, ora para a direita ora para a esquerda, perscrutando a sombra da rua solitária. A casa em frente era muito grande, muda. O velho começou a impacientar-se.

— Então?

— Um momento — respondeu ela. — Agora passou um operário que se perdeu rapidamente na escuridão da noite.

— Nada?

— Um rapaz parou junto da esquina, encostou-se à parede para satisfazer uma necessidade; outro um pouco maior chegou atrás dele, muito devagarinho, sem fazer ruído, deu-lhe um pontapé e fugiu a correr. O pequeno deu um grito. Ouviste?

— Coitadinho! Que idade terá?

— perguntou o velho.

— Seis anos.

— Então não é um rapaz, minha estúpida, é uma criança.

— Agora foi-se embora a chorar. O que lhe deu o pontapé nem devia conhecê-lo. Pode ser que por toda a vida este miúdo, cada vez que esteja a fazer uma necessidade tenha a angústia de sentir a sensação dum pontapé sem saber quem lho dá. Dentro de vinte anos será, talvez, marinheiro.

— Porquê, marinheiro?

— Naufragará, salvar-se-á ele sozinho numa embarcação. Será de noite. Ao romper do dia o mar estará calmo e ele verá aquela imensidade com pavor. Encontra-se sozinho no meio do alto mar. Fará aquilo que todos os naufragos costumam fazer. Tira a camisa e espera que venha o dia para ver se passa algum navio no horizonte e agitará a camisa. De repente, sentirá a sensação de ter sido agredido à traição, sem saber por quem.

— E, então, salvou-se?

— A mulher hesita um momento, debruça-se para ver melhor a rua e depois, voltando-se de lado para onde está a cama, responde rá-

pidamente: — Não, morreu de fome!

— Porquê?

— Porque sim.

— Ouve, agora chegou um automóvel. Parou na praça... de aqui não se vê bem. Sim, saíram duas pessoas, um homem e uma mulher. A mulher vai em direcção ao hotel, já não a vejo. Ele parou para pagar o táxi... vejo-o de costas. São dois amantes; dois amantes que pela primeira vez conseguiram ficar sòzinhos para poder passar toda a noite juntos. Ela é mulher dum amigo dele. Estava apaixonada por este desde miúda e ele não tinha dado por isso. Depois ela cedeu ao desejo do pai e casou com outro. Porque o outro era mais rico, este é artista. Uma noite, este foi convidado a jantar com o casal... Mas, estás a ouvir como ele fala alto com o motorista... Aquela noite, o banqueiro...

— Qual banqueiro?

— Sim, o marido era banqueiro. Naquela noite teve uma chamada telefónica, tendo de sair de casa a correr. Disse ao amigo: «Volto já, espera por mim aqui», e saiu. Então a mulher pôs-se a chorar e ele tentou consolá-la. Ela não resistiu e entre lágrimas confessou o seu amor. Mas isto já se deu há volta dum mês. Durante este mês os dois apaixonados esperaram pela ocasião para... Mas oh, não, não!

— O que sucedeu?

— Ele voltou-se e vi que é o nosso carnicero.

O velho da cama começou aos berros: — Idiota, porque me disseste? Estragaste tudo. Bem, façamos de conta que não é o carnicero mas sim um pintor.

— Ora, o tal pintor...

— Não, já estragaste tudo. Porque me disseste? Não quero ouvir mais. Olha bem e não te faças estúpida. Olha!

A voz do velho, imóvel na cama, era imperiosa e furibunda. A mulher tremeu e deixou de rir. Tornou a olhar para a rua com grande atenção, com toda a imaginação de que era capaz. Mas encontrava-se já cansada. Não conseguia descobrir algo que pudesse descrever ao marido ou que desenvolvesse na fantasia para compor um daqueles relatos que o distraíam antes de adormecer. Substituiu o espectáculo nocturno da forma mais económica que se possa imaginar. Estava esgotada. Sentia a testa oprimida por um capacete de ferro. Carecia de um pouco de descanso, mas um berro do velho chamou-a ao dever. Apressou-se a tranquilizá-lo.

— Estou a olhar, espera um momento. — Um gato saltou da rua para a varanda do primeiro andar... agora não o vejo. Nada. Paciência. Um momento. Oh, a janela do segunda andar abriu-



Piadas com barbas?... Talvez!

Em família

A esposa — Afinal, o que percebes tu de toilettes de senhoras?

O marido — Eu, nada. A minha carteira é que percebe muito!

No Carnaval

Os económicos

Disfarcei a minha mulher de grávida, meti os pés para dentro e ninguém me conheceu... Diverti-me imenso e não gastei um tostão.

Alguns cúmulos

Do carpinteiro: — Serrar a ilha da Madeira com a serra da Estrela.

Do bombeiro: — Apagar os fogos fátuos.

Do surdez: — Não ouvir a voz da consciência.

—se, vê-se sair uma mão que está a deitar água numa bacia, água suja... Sim, talvez ela... era uma mão de mulher. Claro que será a criada... tinha lavado as mãos sujas de sangue por ter assassinado a patroa agora...

— Não! — gritou o velho. — Essa já me contaste ontem à noite.

A mulher, a desfalecer, implorou: — Amanhã! Mas o velho foi implacável. — Não! Sabes que não posso adormecer. Os ricos vão para o teatro... Anda. Mais uma interessante. Esta noite não sabes contar nada. Mais uma, coragem!

Na rua tinha-se levantado um pouco de ar. A mulher pôs a maior atenção mas não olhava para a rua porque se sentia afogar naquela escuridão. Ficou quieta, direita como uma coisa negra no rectângulo da janela, ligeiramente volta la para a cama. Parecia-lhe sentir a impaciência do velho como se fosse um som. E, na verdade, um som começou ao longe, na rua. Mesmo assim ela não se debruçou na janela, para não ter desilusões. O rumor cessava, depois voltava. Era como alguém que batesse um pouco aqui, um pouco além e depois interrompia para ouvir. O rumor desdobrou-se. Agora eram duas, três pancadas leves quase metálicas, paravam e recomeçavam com igualdade exasperante. Cresciam como o som da água a correr. A mulher, excitada pelo cansaço, sem se mexer, voltou a falar...

— Ouves? Está a passar pela rua uma cavalgada. Puseram panos nas ferraduras dos cavalos para se não ouvir o som das

patas. São muitos. Mas são cavalos pequeninos, cavaleiros de miúdos que adquiriram vida. Cada cavaleiro leva o seu cavaleiro que, até há momentos, era também de chumbo. Ainda estão um pouco confusos e param de vez em quando com receio que os oiçam e os tornem a meter dentro da caixa de papelão. Mas são felizes. Vêm de longe, fizeram a ronda por todas as ruas da cidade, ouves?... Os breves rumores da rua eram mais vivos, sentiam-se mais perto. Primeiro deram uma volta e agora é a parada. O capitão raptou uma princesa que dormia. Ouves? Ao rumor dos cavalos misturou-se um pequeno grito que o capitão sufocou. Era a princesa que acordava. Mas agora não grita e está contente; segue na comitiva. Agora todos se sentem felizes: o capitão, os cavaleiros, os cavalos. Andam mais ligeiros, agora levantaram voo. Têm asas, transformaram-se em anjos. Estão juntos, encostados uns aos outros e formam uma nuvem mórbida e por cima dela está a princesa abraçada ao capitão. Levam-nos no alto, a nuvem gira três vezes sobre a cidade e dirige-se a caminho das estrelas.

A mulher olhou para o interior do quarto. A respiração do velho era uniforme, um pouco rouca. O espectáculo tinha acabado. A mulher sentiu esvaziar-se da cabeça aos pés, por todo o corpo. Como todas as noites. Foi fechar a janela. A respiração do velho tinha aumentado, chegando a formar um assobio. A mulher atravessou o quarto e assim, cansada e inerte, despiu-se, em silêncio, e deitou-se ao lado do velho, como todas as noites.

PASSATEMPO

A geração do pontapé na bola?...

(Palavras dum vacinado)

BOLETIM SOCIAL DA TEBE vai criar, à semelhança dos seus confrades, uma secção de Passatempo constituída por problemas de algibeira, frases célebres, pensamentos, etc.

Como não sabemos quais as preferências dos nossos leitores, gostaríamos de receber sugestões sobre a matéria ou melhor dizendo, sobre o género de problemas que deveremos generalizar nesta secção.

Essas sugestões, que antecipadamente agradecemos, poderão ser-nos enviadas num simples postal dirigido à nossa redacção, com a possível brevidade, a fim de darmos início à publicação dos problemas que nos forem sugeridos.

Desde as palavras cruzadas até às perguntas de algibeira e matemáticas, passando pelas charadas, temos material de sobra para fazermos desta secção um cantinho do agrado dos nossos estimados leitores.

Aguardamos, portanto, os vossos postais... mas para não deixarmos de mostrar o que poderá ser esta secção, a seguir damos um breve exemplo.

I — Problema

Numa estante estão colocados devidamente, 3 volumes de 200 páginas cada.

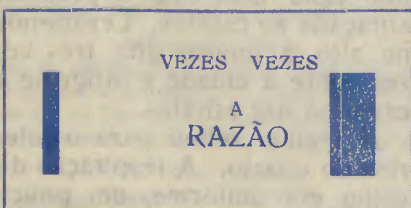
Pergunta-se: quantas páginas separam a 1.^a página do 1.^o tomo, da última página do último?

II — Prova de argúcia

Formar com as letras seguintes, nomes que correspondam à respectiva indicação:

- 1) — GOAABRA — Rio português
- 2) — ASMAI RAP SADÇA — Praia portuguesa
- 3) — CHORRASEN — Vila portuguesa
- 4) — CAINAL — Nome de mulher
- 5) — ARACI — Estância Terrenal portuguesa.

III — Enigma



IV — Adivinha

Sòmente com quatro nove
Uma centena escrever.
É fácil não é? Por isso,
Certo estou que o vai fazer.

V — Prova de paciência

Com as letras AOPRT formar 10 palavras.

VI — Paciência cifrada

Quando — indivíduo chega a — bar e — mas não manda vir —, é porque ainda não — a matar a sede.

Substituir os traços no texto desta frase por números, de modo que forme um sentido completo.

TEM A CERTEZA?

A — Apostamos em que se não recorda perfeitamente do nome do romancista que deu ao conjunto das suas novelas o título de «A Comédia Humana». — Zola, Balzac, Dickens, Baraja, Proust ou Stendhal? —

B — Quem foi que disse, pela primeira vez, que não havia nada de novo debaixo do sol? — Aristóteles, Josué, Salomão, Galileu, Moisés, Esquilo ou Cícero?

C — Antes de se dedicar inteiramente à política, qual era a profissão exercida por Gandhi?

A medicina? ou seria sacerdote, ferreiro, advogado, pastor ou vendedor de lotarias?

D — Em que lugar histórico está sepultado Napoleão Bonaparte? Arco do Triunfo, a Bastilha, Cemitério do Père Lachaise, Nobre Dame, Inválidos, Museu do Louvre?

E — Qual é o estilo dos Jerónimos? Gótico, manuelino, romano, barroco ou renascença italiana?

F — Em que cidade foi professor o célebre FREUD?

Em Budapest, Berlim, Viena, Varsóvia ou Moscovo?

G — Se pretender obter a coloração púrpura, deverá misturar o vermelho, com uma das seguintes cores: verde, branco, preto, azul, amarelo, laranja. Será o leitor capaz de dizer com qual?

H — Quem converteu o ferro em aço? — Davy, Lilienthal, Bessemer, Ludesdorf ou Prof. Síliman?

I — Quem inventou o selo postal? — Ménord, Rowland Hill, Francisco Valayer ou David Bushnell?

J — Quem descobriu a vacina contra a varíola? Argand, Luis Pasteur ou Eduard Jenner? Em que data? 1796, 1801, 1889 ou 1925?

L — Sabe onde se cunharam as primeiras moedas de ouro? No Egipto, ou na Grécia, em Roma ou em Constantinopla? E quando, lembra-se? Em 754 A. C. em 547 ou seria em 1117?

M — Quem fez construir o convento de Mafra? D. João II, D. Manuel I, D. João V ou D. João VI?

N — Quantos cantos tem «Os Lusíadas»? Cinco, oito, nove, dez ou doze?

O — Quem foi o autor da partitura da «Flauta Mágica»?

Haydn, Mozart, Beethoven? Veja lá, tem a certeza que não foi Wagner?

A imprensa Mundial acompanha, com desenvolvido interesse, o crescente entusiasmo das gerações actuais pelo desporto rei.

São páginas e páginas, colunas e colunas, linhas e linhas a citar resultados, a dar opiniões técnicas e táticas, a incitar A ou B... e a diminuir C ou D.

O futebol, como todos os desportos, tem a sua beleza, a sua graça, a sua arte. E se agita os músculos, também desenvolve vontades. E se dinamiza os nervos não deixa de ter a sua arte.

Se, de facto, o futebol, tem a sua beleza na combinação geométrica dos passes e no encanto de uma vitória honesta, é certo também que muitos adeptos deste ou daquele team se esquecem, por vezes, que, acima da paixão clubista, deve existir também uma sensata reflexão para se saberem dominar e controlar, respeitando aqueles que, no desejo de assistir a um espectáculo de beleza, se obrigam a suportar uma indigna e vexatória exibição de murro.

No desporto, como em tudo que é belo, deve preponderar o

P — A que povo se atribui a invenção do alfabeto?

Aos egípcios, caldeus, fenícios ou hebreus?

R — O herói da independência nacional Suíça deu o nome a uma ópera de Rossini. Tem a certeza de saber o seu nome? Diga então.

R — Sabe quem foram os autores de «O Mistério da Estrada de Sintra», romance escrito em forma de cartas? Vá diga depressa: Júlio Diniz e Camilo? Ramalho e Eça? ou seriam Fialho e Abel Botelho?

O Epitáfio de «LA FONTAINE»

La Fontaine escreveu para si próprio este curioso epitáfio:

«Aqui jaz La Fontaine, um homem que desprezava a riqueza e dividiu o tempo da sua vida em duas partes: na primeira, dormia; na segunda, não fazia nada».

E aqui tem, amável e amigo leitor, uma amostra do que podemos fazer nesta secção que pretendemos iniciar. Servirá para aquilatar e, se possível, verificar a sua cultura geral. Tem a certeza de que não precisa de voltar a frequentar o liceu, e de que a sua memória retém o que leu nos jornais e o que comentou à mesa do café? Tem, na verdade, a certeza? Então prepare-se para enfrentar esta secção do «Boletim Social da TEBE» e se não for capaz de resolver todas as perguntas... procure a solução no próximo número. — J. F.

bom senso e o equilíbrio clubista — mas nunca, como acontece a cada passo, o insulto vil e grosseiro, a ironia cruel e insensata...

Alguns doentes da bola, discutem futebol a propósito de tudo e de nada e esquecem-se, tantas vezes, que à sua volta estão outras pessoas que almoçaram bola, merendaram bola e estão na triste situação de apanharem uma indigestão. O que é de mais é asneira.

Eu entendo, no meu fraco entender, que o futebol — como todos os desportos dignos deste nome — deve ser uma escola de solidariedade... E para que cada um ocupe a sua função desportiva é mister que cada qual se inicie por se dominar a si mesmo, com um auto-domínio inteligente, pondo de lado a vaidade, o exibicionismo, a indisciplina, a ambição... numa palavra, o *egoísmo pessoal*.

Quando cada jogador se capacitar da sua real função como parcela minúscula de um todo que, para triunfar, só o conseguirá mercê de um estreito e reflectido entendimento no enquadramento do lugar e da função que ocupa — será um desportista.

Portanto, não seria desacertado que, além dos treinos físicos — absolutamente necessários — existissem igualmente os treinos de educação, (pelo menos elementaríssimos) para o público.

E então aquele Sr. casado, pai de duas jovens iria com elas de quando em vez assistir a uma bela exibição de futebol.

A grosseria, o palavão, o insulto ao árbitro são por vezes uma incoerência e de uma desalegância que gelam.

Mas o pior, é quando este indivíduo ainda além dos insultos, dos assobios e de tudo mais é desancado!...

É certo que alguns árbitros não têm a educação e a dignidade suficientes para uma imparcialidade desinteressada... Mas, caros leitores, para que são os concursos?

Para aquilatar das pessoas e das suas possibilidades!...

Mas o futebol, como todos os desportos, precisa de estudo, de treino e de robustez física... É preciso acabar de vez com alguns que se ufanam de génios da bola quando, afinal, não passam de pseudo-futebolistas...

Tente na bola!...

L. P.

Mais uma vez pedimos aos nossos queridos colaboradores a especial fineza de nos mandarem entregar o original até ao dia 10 de cada mês.